

# As Candidaturas e a Democracia

22. X. 1950

Estamos em plena maré de democracia. Já ninguém mais a liberdade. E até os seus mais impenitentes e rancorosos inimigos se confessam hoje democratas. Dos fascistas aos comunistas, passando pelos simples ditatoriáis, todos se converteram milagrosamente ao credo antes repudiado.

Nenhuma dúvida pode haver de que a maioria do povo brasileiro é democrata. Senão por educação, coisa que lhe tem faltado, ao menos por índole, não se afaz a nossa gente à autocracia, mas, por isto mesmo, muito cuidado é mister que tenha no próximo pleito, se quiser preservar a sua liberdade.

Que vemos, com efeito, nesta variegada feira de ambições, que está sendo a campanha eleitoral? Ao lado de autênticos democratas, que nunca faltaram à sua fé, e por ela se sacrificaram, e que podemos simbolizar no Brigadeiro Eduardo Gomes, vemos os ambíguos, os epicenos, os comuns de dois, que igualmente se acomodaram com a democracia e com a ditadura; e vemos também os mais declarados inimigos da democracia, que já a destruíram uma vez pela surpresa e pela traição. Dêstes, os mais altos expoentes são os srs. Getúlio Vargas e Plínio Salgado, irmanados a 10 de novembro de 1937, mas logô desavindos, porque o império não admite partilha; daqueles, um dos mais categorizados representantes é o sr. Cristiano Machado, que as publicações pagas denominam, seriamente, o *candidato democrático*. Todos agora entoam loas à democracia e à liberdade; mas será possível dar-lhes crédito, e considerá-los democratas, só porque como tais se apresentam?

Esta é a questão que não merecia sequer formular-se, não fôsse a tremenda confusão reinante. No sr. Getúlio Vargas não poderia votar um verdadeiro democrata, porque, elevado que fôsse ele à presidência da República, nada o impediria de, pela terceira vez, golpear o regime. Cesteiro que fez dois cestos, e tão bem os fez, fará o terceiro. Demais, não há como dissimular, no atual movimento, quemista, a tendência ditatorial, que é, afinal de contas, a sua mesma razão de ser. Existem em seu seio — de boa mente o reconhecemos — elementos sinceramente convertidos à democracia, mas seriam facilmente absorvidos e dominados, em caso de vitória. Getúlio Vargas no poder será de novo a ditadura, quer o queiram, quer o não queiram os seus eleitores. Não há quem disto possa duvidar. Do candidato trabalhista, nem sequer se pode dizer que seja um pecador arrependido: não abjurou a doutrina, não condenou o passado.

Mas, se no sr. Getúlio Vargas nenhum democrata poderá votar, por certamente prever o que ele fará no governo, também no sr. Cristiano Machado, não poderá votar o verdadeiro democrata. Se do sr. Getúlio Vargas temos sobejas provas da sua propensão para a ditadura, do sr. Cristiano Machado nenhuma temos de entranhado afeto à democracia. Não o consideramos capaz de um atentado ao regime, porque isto seria uma injustiça; mas supomos não lha fazer, admitindo-o incapaz de um ato heróico em defesa do regime. O ilustre político mineiro não é nem carne, nem peixe, como diz o povo. E, não sendo nem uma, nem outra coisa, poderá ser qualquer delas. Demais, o que ele como candidato promete é ser continuador da obra do sr. Eurico Dutra. Haverá coisa que mais possa comprometer um candidato democrático? Preservar êsse regime indefinível, que soube combinar as formas externas da democracia com todos os vícios da ditadura? Quem quer que suceda ao atual presidente, comprometerá a democracia, sujeita-la-á a reações imprevisíveis e violentas, se perseverar na política e mantiver os costumes do governo Dutra. Toda capacidade se esgota e a capacidade do Brasil para os maus governos parece estar chegando ao fim. Que sucederá, então, à debil plantinha de que falava o sr. Otavio Mangabeira?

Vê-se, pois, que, de todas as candidaturas, uma só merece o voto dos que desejam preservar e aperfeiçoar a democracia: a candidatura do Brigadeiro. Somente ele é verdadeiramente, intransigentemente democrata. Somente ele tem um passado de inatacável probidade, que responde pelo futuro.

Há, é verdade, uma quarta candidatura: a do ilustre sr. João Mangabeira. Nenhuma restrição se pode fazer à sua pessoa, nem ao seu partido. O homem, um democrata, que não poucas vezes tem saído a campo para defender a democracia; o partido, uma organização de idealistas, que pretende conciliar o socialismo com a liberdade. Mas, nesta conjuntura, verdadeiramente antidemocrática é esta candidatura de democratas: anti-democrática, porque, sem nenhuma possibilidade de vencer, ou de ter sequer uma vo-

tação considerável, o seu único efeito é enfraquecer a única candidatura democrática com probabilidade de vencer.

Defrontam-se várias candidaturas e todas se dizem democráticas, dado que vão disputar os votos do povo. Mas candidatura verdadeiramente democrática, capaz de assegurar a nossa debil democracia, uma só existe: a do Brigadeiro. Votem contra ela os que não morrem de amores pela democracia, pois estão no seu direito; que contra ela votem os que sinceramente se julgam democratas, é o que mal se compreenderia.